

NADANDO CONTRA A MORTE

Lourenço Cazarré ilustrações:
Ana Raquel

Conforme a nova ortografia

Formato



ALTAMENTE RECOMENDÁVEL
PARA JOVENS

pela



FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL

– 1998 –



PRÊMIO JABUTI
MELHOR LIVRO INFANTIL OU JUVENIL

– 1998 –

Prêmio Adolfo Aizen na categoria Livro Juvenil, da União
Brasileira de Escritores – 1999

Selecionado pela Secretaria de Educação e Cultura de Vitória – 2005

SEVERINO: Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?

.....

SEU JOSÉ, MESTRE CARPINA: E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

Morte e vida severina
João Cabral de Melo Neto

HISTÓRIA DE UMA REPORTAGEM

Tempos atrás, fui designado para fazer uma reportagem sobre dramática tentativa de suicídio. Meu chefe na época, um sujeito muito mal-humorado, disse:

– Quero uma reportagem completa. Capriche, não me traga uma porcaria! O caso é intrincado. Deixe a preguiça de lado e ouça o maior número de pessoas que você puder.

Empolgado com aquela chance, fui à luta. Gravador em punho, saí para interrogar as pessoas que haviam visto uma jovem de catorze anos, com um bebê recém-nascido no colo, saltar de uma ponte. De birra com o chefe, resolvi ouvir todos, todos mesmo, que pudessem me dar algum detalhe interessante do caso.

Fui até o local. De onde a garota havia saltado, bem no meio da ponte, a distância até a água era de vinte metros. E a profundidade do rio naquele ponto chegava a cinco metros.

Comecei por ali mesmo interrogando um mendigo que morava debaixo da ponte. Em seguida, conversei com um velho que estava pescando num barranco. Depois, fui ao quartel do Corpo de Bombeiros, onde escutei o capitão e obtive os nomes e os endereços dos envolvidos. O mais difícil de achar foi o remador que socorreu a mocinha, mas fui até o clube náutico e consegui localizá-lo. De quebra, entrevistei um garoto gorducho, que havia acampado perto do rio naquele dia, e uma garota que estuda num colégio próximo. Foi uma trabalhadeira danada!

De volta à redação, o chefe me obrigou a reescrever umas três vezes a tal reportagem.

– Capriche mais, vagabundo! Um texto sempre pode ser melhorado! – me dizia ele.

Há poucos dias, remexendo numa papelada velha, encontrei a tal reportagem. Relê-la foi muito bom. Mas logo em seguida achei também as transcrições ou degravações das entrevistas que fiz na época. Degravar significa copiar para o papel, tintim por tintim, tudo o que foi registrado na fita de um gravador.

Pois bem, reler a transcrição dos depoimentos foi muitíssimo mais emocionante do que ler a reportagem. Acabei revendo todas as personagens, escutei de novo suas vozes, lembrei-me de seus cacoetes. E todo um pequeno mundo ressurgiu diante de mim. Durante uma hora e pouco estive como que em órbita, mergulhado no passado.

Ao fim da leitura, concluí que, polindo um pouquinho aqui e burilando um tantinho ali, eu poderia publicar as conversas gravadas. Elas formavam um quadro perfeito e acabado de um acontecimento tocante.

Este livro, portanto, é constituído somente pelos depoimentos das personagens, apresentados na ordem caótica em que os encontrei, com as folhas embaralhadas, anos depois de tê-los colhido.



Não faça bobagem! (mãe do nadador)

Lembro bem dos detalhes. A gente vinha de carro pela estrada que acompanha a margem do rio. O carro é novo e potente, mas eu guiava com cuidado porque havia buracos na pista.

A vegetação das encostas, no outro lado do rio, brilhava tanto por causa do sol forte, que o reflexo até doía nos olhos da gente.

Vínhamos discutindo desde o clube. Meu filho e eu. Quando a gente briga, sempre fala o que não deve. Mas o erro maior é dos adultos, que precisam se controlar. Às vezes eu perco as estribeiras.

Eram dez e quinze ou dez e vinte quando cheguei à portaria do clube para apanhá-lo. Aos sábados, eles treinam três horas, das sete às dez. A discussão começou já na arrancada, quando ele me pediu um novo equipamento de som. Eu disse que ele podia se virar muito bem com o aparelho que comprei faz menos de um ano. Pra que um novo?

Ele insistiu.

Era um dia muito quente. Fazia um calor abafado, pesado. Lembro até das nuvens de vapor que subiam do asfalto.

Fechei os vidros e liguei o ar-condicionado. Aquilo fez com que a gente escutasse melhor a música do rádio do carro. Aí, ele voltou a falar no tal aparelho de som, que tinha não sei quanto de potência, que era moderno, que não sei o que mais.

Não dei muita bola praquela lenga-lenga. Lembro que comentei: em vez de se preocupar com som, filho, você tem é que se arrumar melhor. Anda parecendo um mendigo, com esses chinelos e com essas bermudas velhas. Deixe seu cabelo crescer! Você está quase um homem. Precisa se vestir melhor!

Ele não gosta que eu fale assim. Mas é verdade. Anda todo molambento. Usa camiseta regata, bermudões esfiapados e chinelos ou tênis velhos. Há anos que não bota um sapato. E olha que já é um galalau, tem quase metro e oitenta.

Aí ele me respondeu: pra trocar de carro, você tem dinheiro; pro meu som, não!

Eu explodi: não pedi ao seu pai que trocasse o carro! Foi ele quem quis comprar este aqui. Vive dizendo que eu preciso andar em carros que não quebrem no meio da rua. Mas eu nunca tive problemas com automóveis. Eu bem que gostava do outro, mas seu pai insistiu, disse que o carro estava desvalorizando.

Falei aquilo e esperei pela resposta dele. Que não veio. Ele já estava olhando para a ponte. Depois ele me disse que viu quando a mocinha se acomodou na amurada. Bem no meio da ponte. Eu não vi nada. Cuidava da estrada.

Então ele deu aquele berro: pare o carro! Freie!

No reflexo, ainda sem entender o porquê do grito, meti o pé no freio. O automóvel freou sem derrapar, foi como se agachasse.

Tudo foi muito rápido. Mal o carro parou, ele abriu a porta e saiu correndo. Pulou o meio-fio e atravessou o calçadão. A mil. Na corrida mesmo, se livrou dos chinelos, da bermuda e da camiseta. Por baixo, estava com a sunga de natação.

Que loucura deu nesse garoto?, eu me perguntei.

E, sem me preocupar com os carros que freavam por trás de mim, saltei pra pista, gritando: volte que eu compro o aparelho de som para você! Não se mate! Não faça bobagem!

Mas ele não podia mais me escutar. Já estava nadando em direção ao centro do rio.

